



## **ECONOMIA**

CENÁRIO CORONAVÍRUS E CRISE ENVOLVENDO PREÇO DO PETRÓLEO

## O QUE ESPERAR?

O ano de 2020 já entrou para a história, primeiro, com todo o caos criado pelo coronavírus, e para piorar, a Opep e a Rússia não entraram em um acordo sobre a produção do petróleo, culminando em uma cartada violenta da Arábia Saudita afirmando que irá aumentar a produção da *commodity*, derrubando a cotação em mais de 30% em um único dia, abaixo ilustrado.



Nesta linha, todos os demais preços do mercado em nível global mudaram, taxas de juros derretendo e expectativas de crescimento revisadas para baixo, inclusive, a palavra recessão aparecendo algumas vezes em importantes economias.

Não bastava o corte extraordinário de 0,50 ponto percentual feito pelo FED na semana passada, primeira vez desde a crise de 2008, o mercado começou a precificar a taxa básica de juros dos EUA entre 0,00% e 0,25% daqui duas reuniões, ou seja, em abril, logo ali, conforme gráfico abaixo da *Treasury* de 1 ano.



Olhando o mercado de ações, o desastre foi o mesmo, as bolsas ao redor do mundo despencaram, com algumas entrando em *circuit break*, caso do Brasil, conforme ilustração abaixo. Por sua vez, o dólar também disparou, em um movimento global de fuga de capital para ativos considerados mais seguros, leia-se, títulos americanos (vide gráfico acima).



O que temos até agora? Veja, petróleo em queda livre, atividade no mundo desacelerando, bancos centrais reduzindo ainda mais juros e volatilidade associada a incerteza em níveis elevados.

Nestes cenários, o histórico mostra que tomar decisões precipitadas pode custar caro, o mais recomendado sempre é a cautela e realizar movimento seguros se for possível observar.

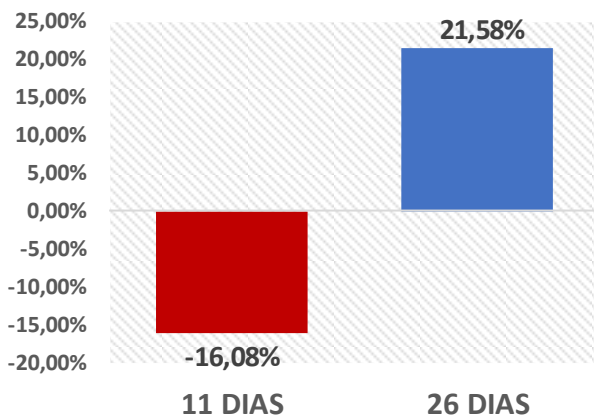
Para Brasil, sabemos que há uma grande possibilidade do nosso Banco Central reduzir a taxa Selic em breve, por quê?

1. Nos EUA o FED já reduziu (menos pressão para alta de juros no Brasil), e mercado precifica mais cortes;
2. Por conta do coronavírus, atividade global no curto prazo será impactada (menos crescimento, menos inflação);
3. Preço do petróleo em queda (combustível e seus derivados mais baratos, menos inflação);
4. PIB no Brasil revisado para baixo (menos inflação); e
5. Dólar em alta (mais inflação importada, todavia, repasse recente não foi significativo).

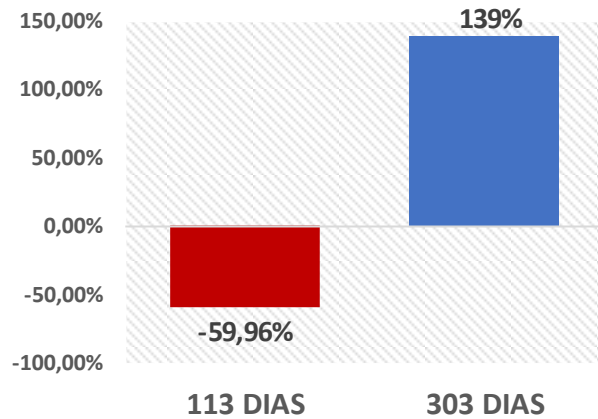
Dado isto, já temos algum norte para posicionar as carteiras de investimentos, se for o caso. Vale destacar, carteiras diversificadas já estão mais seguras e bem posicionadas para enfrentar cenários como este, não há motivo para movimentos desesperados.

Adicionalmente, para melhor ilustrar os movimentos de estresse passados, o Ibovespa dos últimos vinte anos nos dá uma boa noção para os investimentos em ações, apontando em vermelho a magnitude da queda e dias úteis para o fundo do poço e em azul a recuperação e o tempo necessário para alcançar o mesmo nível anterior à queda.

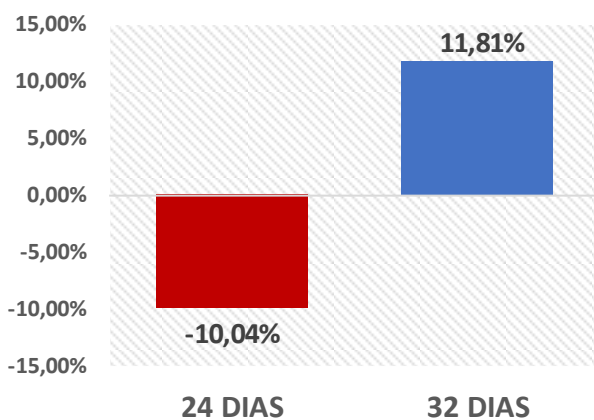
### TORRE GÊMEAS 2001



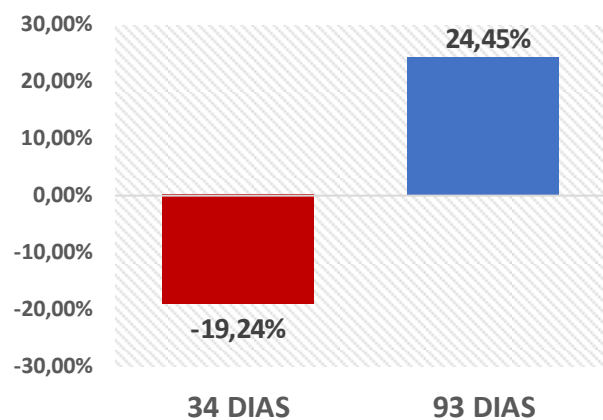
### CRISE DE 2008



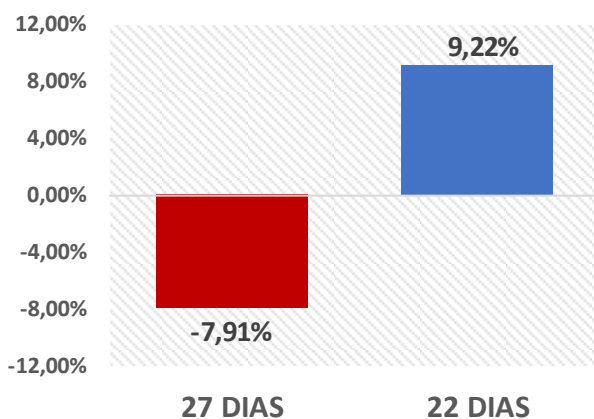
### ÁUDIOS JOESLEY 2017



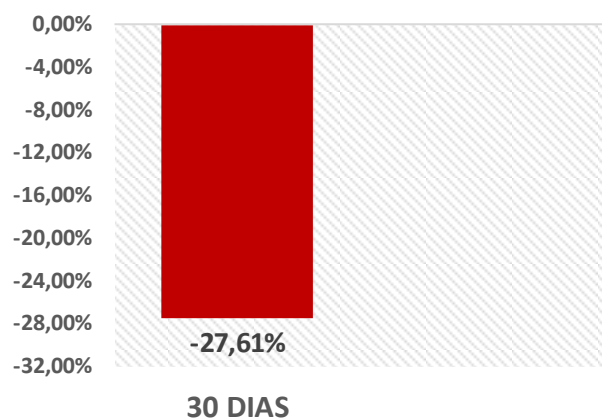
### CAMINHONEIROS 2018



### PREVIDÊNCIA 2019



### CORONAVÍRUS/OPEP 2020



No mercado de renda fixa, especialmente o mercado de crédito privado, o último estresse foi observado em outubro, novembro e dezembro de 2019, bem recente, e extremamente válido para efeitos de comparação. Na ocasião, os ativos de crédito privado sofreram forte reprecificação dado os intensos cortes na taxa básica de juros, a Selic, que encerrou o ano em 4,50%.

De acordo com o IDEX-JGP, o *spread* das debêntures pós-fixadas CDI era de 0,7% ao final de junho de 2019, subindo para 1,3% em dezembro, conforme evolução abaixo, aumento de mais de 85% do *spread*, taxa subindo, preço caindo.

E agora, com a expectativa de mais cortes de juros no Brasil, o cenário pode se repetir, provavelmente, em menor magnitude.

### SPREAD DE CRÉDITO INDEXADO AO CDI

